

**A PREDICAÇÃO PARA ALÉM DA DESCRIÇÃO GRAMATICAL: UMA
PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DA INTENCIONALIDADE NARRATIVA
EM “FELICIDADE CLANDESTINA”**

Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CAp-UERJ)
Hilmaribeiro1976@gmail.com

Alexandre Batista da Silva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UGB-UFRJ)
Alexandrebatistasilva1@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, pretendemos fazer uma contribuição que associa o estudo das intenções das frases narrativas e descritivas, que têm como núcleos verbos e adjetivos na parte textual com a leitura, durante uma possível “aula de português”, mostrando a possibilidade de aliar o conceito dos tipos de predicado, fora de uma abordagem “tradicional”, mas que mostre que é possível relacionar Língua e Literatura de modo a criar uma aplicação científica e interdisciplinar não tradicional dessas matérias. Para mostrar o enlace entre Gramática e Leitura, a partir desse conto de Clarice Lispector, usamos como base os estudos dos seguintes autores: Austin (1962), Duarte (2002) e Azeredo (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino do português. Intencionalidade. Predicação. Oração.

**PREDICATION BEYOND GRAMMATICAL DESCRIPTION: A TEACHING
PROPOSAL BASED ON NARRATIVE INTENTIONALITY IN “CLANDESTINE
HAPPINESS”**

ABSTRACT: In this paper, we intend to make a contribution that combines the study of the intentions of narrative and descriptive sentences, which have verbs and adjectives as their phrases core in the textual part, with reading by the teacher, during a possible “Portuguese class”, showing the possibility of allying the concept of types of predicate, outside of a “traditional” approach, but which shows that it is possible to relate Language and Literature in order to create a scientific and interdisciplinary, non-traditional application of these subjects. To show the link between Grammar and Reading, from this story by Clarice Lispector, we use the following authors: Austin (1962), Duarte (2002) and Azeredo (2000).

KEYWORDS: Teaching Portuguese. Intentionality. Predication. Sentences.

1 INTRODUÇÃO

O ensino gramatical, historicamente, é centrado em nomenclaturas ou em normas que dizem respeito à descrição dos diferentes fenômenos morfológicos, sintáticos e semânticos da Língua Portuguesa. Os livros didáticos têm sido base das ações e das metodologias de ensino e, conseqüentemente, do que se entende pelo “quê” seja uma aula de Língua

Portuguesa. A partir dessa premissa, tem-se, tanto nos livros quanto nos procedimentos metodológicos para o ensino, o uso do texto como um pressuposto para fazer descrições dos fenômenos que compreendem os diferentes temas da descrição da linguagem.

Infelizmente, o olhar para o texto se constitui a partir de uma fragmentação do “todo” que envolve o processo comunicativo, de modo que tanto na abordagem das questões gramaticais quanto na dos usos linguísticos constituem escopos distanciados ao pensarmos na forma tradicional de ensino do “português” nas escolas. Temos, nessa situação, professores que não conseguem visualizar o problema e, ao preferirem a gramática ou a interpretação, tornam a abordagem dos fatos em um texto incompleta. Por outro lado, temos uma massa de alunos que, ao passarem pelo Ensino Básico, sentem dificuldades imensas na apropriação dos sentidos textuais, que são oriundas do entendimento mais profundo e completo do texto, de modo que as leituras se tornam superficiais: os diferentes fenômenos gramaticais são dissociados da leitura, de modo que o estudo da gramática é encarado mais como um pretexto para as taxonomias, fenômeno tão bem discutido por autores como Perini (1999), Neves (2007), entre outros.

É tentando adquirir uma nova postura para quebrar esse paradigma que postulamos, neste artigo, mostrar perspectivas para uma conjugação de tema da descrição gramatical tão específica – a predicação verbal – e suas implicações em leituras possíveis para análise dos sentidos do conto “Felicidade clandestina”. O desejo é de quebrar, para além da fragmentação do uso do texto como pretexto para fazer metalinguagem como também mostrar um olhar interpretativo que se faça da gramática, tendo em vista o texto literário. O ensino da predicação, nesse caso, pode ser elemento para interpretação do sentido tanto do conto, como da autoria que envolve o processo de produção da literatura de Clarice Lispector. Essa autora possui lugar grandioso dentro dos estudos de natureza literária e, neste artigo, não existe pretensão de se falar sobre as questões relacionadas ao intimismo ou à

memória, questões importantes na análise de sua literatura. Entretanto, quando se trata da reflexão sobre caminhos metodológicos para o ensino do português, não há como dissociar todas essas questões autorais, peculiares da análise da linguagem usada pela autora na estrutura textual, tendo em vista sua obra.

Com a finalidade de conjugar essas provocações, ensejamos uma possibilidade de análise do conto em sua complexidade temática, que expõe muito mais do que uma recordação da narradora sobre um episódio costumeiro de sua infância. Nesse texto, a busca pela realização psicológica e pela leitura constituem faces da felicidade de sua autora, e os percalços sofridos pela menina tornam-se indícios das dificuldades que atrapalhariam sua felicidade, na vida adulta. As orações usadas para descrever pontos de vista sobre a menina “filha do dono da livraria” e outras sequências descritivas estarão sempre atreladas à “narração” dos fatos que originam o enredo, são bases para análise da predicação e são, também, a matéria-prima para o entendimento da trama que envolve o conto.

Pensamos em explorar essa constituição material do texto, em sua perspectiva morfossintática, de modo que a predicação, estudo do predicador e dos seus argumentos possam ser uma contribuição para novas perspectivas sobre o ensino do português, tendo em vista o “todo” do propósito do texto, e da “parte”, contemplada pelo fenômeno da gramática em tela.

2 A PREDICAÇÃO VERBAL E AS INTENCIONALIDADES POSSÍVEIS A PARTIR DAS SEQUÊNCIAS TIPOLÓGICAS

A predicação verbal, tema dos programas de Ensino Básico, está presente em todos os livros didáticos e nos compêndios gramaticais, sua abordagem que explora, basicamente, a relação entre o predicador (verbo ou adjetivo) e a classificação do predicado (verbal ou nominal). Entretanto, a partir da noção de “valência”, temos algo que vai além, já que nesta

noção se dimensiona a relação entre o núcleo predicador e os sintagmas a ele acrescentados, de modo que toda oração se expande, integrando esses sintagmas na formação de um “todo” enunciativo. Tanto as orações do período simples, quanto aquelas do período composto podem ser estudadas tendo como base a noção de “valência”, que é, justamente, a análise dessas relações, na composição dos paradigmas oracionais de uma língua (AZEREDO, 2000; DUARTE, 2007). Por outro lado, contemplando a complexidade de um texto, essas estruturas morfossintáticas, com suas diferentes origens quanto à valência, são o que irão fundamentar os seus inúmeros sentidos, tendo em vista as suas “etapas” constitutivas. A valência está relacionada às seleções semânticas do predicador, sendo a predicação uma noção central do estudo da oração, pois, a partir da semântica dos predicadores, norteia-se todo e qualquer papel sintático dos sintagmas componentes de uma oração.

Nessa perspectiva, a tripartição dos elementos sintáticos (essencial, integrante e acessório) ou a taxionomia dos sintagmas (complementos objeto direto/indireto, adjuntos adverbial/nominal, complemento nominal, aposto, vocativo e predicativo) ou o estudo das orações que compõem o período composto possui, portanto, um viés semântico fundamental: a seleção dos argumentos a partir de um predicador. O estudo da predicação, dentro dos compêndios gramaticais, focaliza algumas dessas questões morfossintáticas basilares. Ainda sobre essas questões da construção da oração, podemos ver uma outra noção morfossintática, contemplada em Duarte (2007, p. 2-3):

Ao contrário do que costumam fazer as descrições tradicionais, que sempre iniciam as lições de análise sintática pelo “sujeito”, comecemos nossa reflexão pelo “predicado”. Por que será que a Gramática Tradicional (GT) classifica os predicados em “verbais”, “nominais” e “verbo-nominais”? É justamente porque neles se encontram os elementos que projetam os constituintes centrais da oração, incluindo o próprio sujeito. A esses elementos chamamos “predicadores”, que são responsáveis pela estrutura principal da oração. [...]

Esses predicadores selecionam normalmente um argumento externo (a que chamamos sujeito) e, opcionalmente, argumentos internos (a que chamamos complementos). Todas as vezes que tentamos identificar os

termos de uma oração que contenha um predicador verbal, como, por exemplo, “oferecer” e perguntamos: “quem oferece”, “oferece o quê?”, “oferece a quem?” ou dizemos “alguém oferece alguma coisa a alguém”, estamos, na verdade, observando a estrutura argumental projetada pelo predicador ou, em outras palavras, estamos buscando entender qual é a seleção semântica que esse predicador faz.

Vemos que a colocação sobre o predicador contempla a noção de “projeção” dos sintagmas, tendo como base os núcleos predicadores e, tendo em vista a relação entre função e escolhas dos sintagmas, é, ainda que desconhecida, empiricamente usada na análise do verbo e dos seus componentes - sobre “entregar”, por exemplo, alguma coisa é entregue a alguém. Acreditamos que essa característica da valência possa ser mais explorada na metodologia que se proponha à pesquisa que é crucial às práticas de ensino do português. Quanto aos autores mais importantes de nossa bibliografia descritiva - os “gramáticos” - algumas considerações também são importantes.

Bechara (2005) também é um estudioso que explora as relações do predicador com os seus complementos, na análise da estrutura oracional. Interessante, nesse autor, é a verificação de que o predicativo pode ser tido como um complemento de natureza semelhante à dos demais complementos verbais, pois ele está dentro do predicado, tanto quanto os complementos objeto direto e indireto. Nesse caso, o verbo de ligação conteria o mesmo paradigma de tempo dos demais verbos, por isso, seria o predicador da oração, e não o adjetivo, como postula Duarte (2007). Essa é uma questão importante, pois o verbo de ligação contém, de fato, as mesmas propriedades estruturais do verbo predicador, entretanto, do ponto de vista semântico, o predicativo torna-se estruturalmente nuclear na formação oracional.

Em Azeredo (2011), a predicação é posta como responsável pela formação de uma proposição, de forma que sua união com o sintagma nominal se torna elemento fundamental para a estruturação enunciativa: “Ao unir-se a uma expressão referenciadora, a predicação

dá origem a uma proposição” (AZEREDO, 2011, p. 90). A união com a expressão nominal referencial é, portanto, originadora dos diferentes paradigmas oracionais, e sua colocação dimensiona que a base da estrutura de uma oração é, também, atribuída à predicação. A questão do nome ou do verbo como predicadores torna-se mais generalizada, nessa abordagem, e o papel morfossintático da “união” com outros sintagmas é o fator gramatical mais importante.

Fato central para o estudo da predicação e, conseqüentemente, da formação da oração ocorre com a assertiva de Rocha Lima (2011). Para esse autor, a relação entre os predicadores e sua seleção morfossintática e o estudo das diferentes frases possui proximidades. Nesse caso, ao conjugar o estudo da oração e as funções do sujeito e do predicado com o estudo da frase, frase e oração são termos equiparados. “Oração é a frase — ou membro de frase — que se biparte normalmente em sujeito e predicado” (LIMA, 2011, p. 288) o que seria, para mim, uma possibilidade de elo entre o componente gramatical e o componente linguístico, tendo como base a intencionalidade dos enunciados, estudo de natureza pragmática, e que pode ser visto concomitantemente na análise morfossintática.

Dadas as premissas descritivas, ressaltamos que não se pretende, neste artigo, falar das questões profundas para o entendimento da oração, pois os estudiosos citados, certamente, podem mostrar o porquê de suas opções descritivo-linguísticas. Entretanto, suas colocações tornam-se fundamentais para a tomada de posição para o estudo da predicação pretendida, e de sua equiparação com o estudo das intenções presentes na formação das frases – declarativas, interrogativas, imperativas, exclamativas – conquanto o núcleo de uma oração diz muito sobre a intencionalidade de seu proferimento/de sua escrita.

Nesse caso, acreditamos que, para além do escopo da descrição gramatical, uma questão de equiparação do predicador com o uso de um enunciado está no fato de a predicação dizer respeito à intencionalidade desses enunciados e, dentro dessa

intencionalidade, a centralidade do nome ou do verbo pode caracterizar, por isso, determinado uso linguístico. Recorremos, para responder às questões em torno da intencionalidade, às teorias pragmáticas, tendo como ponto de partida a função de uso de uma frase, pelo locutor, em um texto. Nesse viés, o redimensionamento das intenções de uso das sentenças está atrelado à criação dos paradigmas enunciativos.

Nosso intuito, ao trazer o papel da intencionalidade na relação ao ato de narrar/descrever, é de proporcionar uma possibilidade de análise da predicação que esteja afeita tanto à percepção intencional, dentro da teoria pragmática dos “Atos de fala”, quanto à percepção dos predicadores, tendo em vista o viés gramatical da oração. Com isso, acreditamos que podemos fazer um cotejo entre a “descrição” e o “uso”. Isso porque acreditamos que é insuficiente o ensino da predicação e da morfossintaxe como um “todo”, seja pela falta de aplicabilidade dos diferentes temas da descrição na orientação de metodologias, seja pela relação de hipóteses que viabilizem o porquê do uso de determinado recurso para o entendimento dos sentidos no Ensino Básico.

Como forma de aprofundar os conhecimentos da análise das intenções que dizem respeito ao entorno da frase e da composição sintagmática de um enunciado/oração, pode-se encontrar uma parametrização importante das intenções que dizem respeito aos tipos de atos de fala, dentro dessa teoria linguística. O estudo frasal, a partir das intenções de pronunciamento/escrita de uma oração, originada por um predicador verbal ou nominal, pode evidenciar novas perspectivas para a análise do uso dos enunciados dentro de determinado texto. Isso, conseqüentemente, pode acarretar evidências de um cotejo entre gramática e uso, que é tão importante na prática metodológica dos professores de Língua Portuguesa.

Nesse viés intencional, dentro da Pragmática, autores como Austin (1962) e Searle (1969), ao apontarem que os enunciados se propõem a ações de asseverar, injungir ou, por

exemplo, comprometer o falante com determinado assunto incorporam noções importantes para o estudo da morfossintaxe, tendo em vista o “uso” dos diferentes atos de fala dentro de um texto. Esse viés contempla uma análise da funcionalidade das frases e do porquê de sua estrutura morfossintática. Nesse sentido, o núcleo predicador e o todo do enunciado podem ser importantes para a análise do seu uso, dentro do texto, tendo em vista a intencionalidade desse uso e da proposta final de um texto. Recorremos, para essa percepção, à visão do texto como uma “materialidade”, tão cara e difundida por estudiosos das metodologias de ensino do português. Em Antunes (2010), fala-se sobre o “risco” de assumir o texto em uso pelos interagentes, tendo em vista a prática de ensino centrada nos usos dos recursos gramaticais. Neves (1997), ao dimensionar o objeto de estudo da Gramática Funcional, problematiza a questão do propósito assumido pelos sujeitos, logo, descarta uma visão centrada apenas na materialidade, mas que parta dela para atingir as intencionalidades a ela subjacentes. Muitos outros estudiosos conseguem dar conta do respaldo do fator pragmático nesta defesa, entretanto, trazemos o saudoso Luiz Marcuschi (2016), ao dimensionar o texto como unidade linguística a partir da qual fazemos nossas trocas comunicativas; ou seja: a validade do texto depende muito mais da sua funcionalidade, mediante os seus contextos estabelecidos por determinadas necessidades intencionais.

Por assim dizer, o “todo” de sentido de um texto ocorre por meio da junção de partes menores que o compõem, e, nessa dimensão, as frases, ao se proporem a narrar, descrever, instruir ou transmitir a afetividade dos seus locutores são atos de linguagem. A extensão dessa premissa intencional viabiliza, dentro do texto, a construção de uma narrativa ou de uma argumentação, por extensão aos atos de fala que subjazem às estruturas oracionais. Nessa perspectiva, os enunciados que compõem um texto, em realidade, fazem parte de uma “macro intenção” textual, podendo essa ser narrativa, descritiva, injuntiva, etc. e, se analisados individualmente, essas partes menores do todo de sentido de um texto dão pistas

sobre a proposta intencional “macrotextual” e do porquê de sua utilização em um determinado contexto de uso da linguagem, ou seja, de um determinado “gênero textual”. Aliar o estudo frasal ao da predicação e à análise de determinado gênero seria aliar o estudo gramatical à intencionalidade das ações linguísticas. Vale trazer, nesse caso, a importância dos diferentes gêneros para as atividades comunicativas dos indivíduos, conforme estudo de Bakhtin (2003, p. 262), amplamente difundido em várias pesquisas sobre as metodologias de ensino do português.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se completa em um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso.

Trazemos a citação, embora conhecida para costurar uma relação entre os estudos da oração e da frase à questão norteadora dos gêneros textuais. Isso porque, na análise de um texto, como o conto “Felicidade clandestina”, a avaliação dos enunciados a partir do tema tratado, do estilo e da composição material constitui redimensionamento da metodologia de ensino, pois, sabidamente, há uma tripartição dos objetos de estudo da Gramática, da Literatura e da Linguística. E, ao nos debruçarmos sobre um componente da materialidade do texto, como a predicação, essas três esferas serão interrelacionadas e, a frase, como unidade menor de um ato de linguagem, entrelaça essas três esferas, o que alia a

materialidade ao “agir” por meio do discurso, abordagem de José Carlos de Azeredo na “Gramática Houaiss”, manual importante, por exemplo, aos futuros professores de português como Língua Materna. Para ele, ao conceituar a “frase”, tem-se a seguinte situação comunicativa:

As pessoas “se dirigem umas às outras com algum propósito: ordenar, agradecer, expressar uma censura ou um elogio, desculpar-se, iniciar, continuar ou encerrar uma conversa, etc. Este comportamento verbal [...] é o que se chama um ato de fala, e a menor unidade linguística que o realiza discursivamente constitui uma frase” (AZEREDO, 2010, p. 71).

O postulado conceitual de ato de fala e a relação com o papel das atividades humanas reguladas por gêneros, tal como sabemos ser ancorado em Bakhtin (1997), faz com que a concepção de Azeredo na conceituação da frase una o estudo da “materialidade” pretendido no presente artigo. Perceba que estamos, intencionalmente, costurando os campos de estudo com a finalidade de “tecer” uma proposta metodológica. Isso porque a intenção frasal é, portanto, significativa para entendimento de um enunciado curto como uma frase e o componente morfossintático das orações, tendo em vista o estudo da predicação, é um caminho para analisar os sentidos textuais do conto “Felicidade clandestina”. O conto, texto narrativo, dimensiona o estabelecimento de “fatos” que são elencados num enredo com início, meio e fim; o verbo é categoria central no estabelecimento das ações que são decorrentes das personagens, que, de forma ativa, constituem esse enredo; e, as descrições, a partir dos sintagmas adjetivos nucleares no predicador nominal, constroem pontos de vista agregadores na constituição dos seres/objetos. Nesta medida, pelo viés da centralidade do fato ou da descrição, por exemplo, pode-se constituir importante contribuição para novas perspectivas de trabalho didático com o texto, ao se dimensionar possíveis metodologias de ensino.

A centralidade do estudo da predicação está, por decorrência dessas questões, relacionada à enunciação, de modo que a essência desse estudo está relacionada à forma como nos relacionamos, à comunicação e ao porquê de determinado uso linguístico, em uma situação comunicativa. O entendimento de um texto está atrelado às suas funcionalidades, como o postulado da “relativa estabilidade” dos gêneros textuais; de modo que os gêneros textuais, tanto por suas especificidades linguísticas quanto por suas qualidades estilísticas, se constroem a partir das perspectivas intencionais dos enunciados menores das frases que os compõem.

O estudo dos gêneros literários e não literários, por isso, são equânimes na construção das metodologias de ensino. Não se pode dissociar as características da linguagem, enquanto atividade humana e não se quer a análise dos componentes gramaticais dissociados de seus contextos de uso (NEVES, 2007). Na medida em que ele genericamente pressupõe a sua elaboração, em contrapartida, a feitura de qualquer texto possui uma funcionalidade. Antes de finalizarmos essa parte do presente artigo, lembramos o que aprendemos nas aulas de Literatura das cadeiras dos cursos de Letras, na medida em que tais questões de ordem linguística se aliam às perspectivas estilísticas de um texto literário como, por exemplo, à sua materialização, na superfície textual.

Os estudos literários dos autores nacionais dizem respeito, portanto, ao uso da linguagem que irá construir formas narrativas/descritivas específicas, ressaltando a autoria dos sujeitos, afeita a determinado efeito estético (o trágico, o lírico e o épico, por exemplo). Aliar o estudo da linguagem e dos diferentes componentes da descrição gramatical aos efeitos estéticos de determinado autor constitui alicerce para construção das metodologias de ensino para o Ensino Básico, por assim dizer.

3 ANÁLISE DO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA” COM PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS

Nesta seção, partiremos de algumas interpretações dos enunciados, unidades menores das intencionalidades narrativas do conto “Felicidade clandestina”, que permitem, por isso, análises das construções oracionais acarretadas pelos seus predicadores, ou seja, os geradores das estruturas semântico-sintáticas.

Felicidade clandestina

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa.

Como casualmente, informou-me que possuía “As reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. “Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão.

Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998)

Já na apresentação, temos na composição estrutural desse conto uma base tipológica descritiva, pois a apresentação se centra na descrição da personagem antagonista e não numa exposição sobre o cenário ou o fato inicial da trama em si, evidência material comum ao gênero “conto”. Isso porque a frase declarativa inicial faz um ato assertivo, na medida em que constata o tipo de caracterização da menina má, inicialmente, apresentada inominada,

como “ela”, cuja priorização de seus atributos negativos é fundamento norteador para a análise que propomos. Por caso dessa priorização, a centralidade intencional está na colocação das atribuições “gorda”, “baixa”, “sardenta” e “de cabelos excessivamente crespos”, que constituem predicadores nominais, os núcleos construtores da arquitetura da composição oracional. Ocorre, nesse caso, uma descrição e não uma ação inicial como começamos a mencionar, tão comuns deste gênero textual, entendendo como arquétipo a estrutura “era uma vez”, que instaura o “ocorrido”, num determinado “tempo” e “espaço”. A indicação de uma ação seria desencadeada por um predicador verbal, o que mudaria muito a perspectiva do texto.

A partir desse enunciado inicial, os vários predicadores nominais, que são os adjetivos em função sintática de predicativos, tornam-se centrais para interpretação da visão de uma menina, a narradora adulta, que performatiza uma percepção dramática do que fora seu sofrimento e que irá, a partir dessa dimensão psíquica de sua opositora, construir um encadeamento dos fatos e das descrições. Apenas a partir dessa dimensão ocorrerá a construção/elaboração da trama narrativa central, condutora do conto.

A caracterização da menina ganha reforço com as constatações decorrentes da caracterização inicial, que estão todas relacionadas à posse do objeto desejado - o livro. Ocorre, subsequentemente, uma equiparação de características dessa menina má, na medida em que o verbo “ter” levanta ações que confirmam a perversidade da pressuposta algoz da narradora, que a impede de usufruir desse objeto de desejo. Nos enunciados seguintes, os tipos de predicadores irão se mesclar, dando lugar às descrições e aos fatos “terríveis” desempenhados pela antagonista, em oposição ao perfil angelical da pequena Clarice e de suas amigas. A caracterização da menina-antagonista, já com seu “busto enorme”, tem como contraponto o fato de ser diferente/maior do que todas as meninas do grupo, e percebe-se, ainda, a prevalência dos adjetivos/predicativos. Todas as outras não tinham ainda corpo,

eram “achatadas”, nesse caso, os sintagmas usados para fazer a descrição da antagonista se contrapõem ao fato de que, apesar de tudo isso, “possuía” aquilo que todas as meninas devoradoras de livros queriam, que era o pai “dono de livraria”. Pronto, nesse instante, o enredo começa a se complicar com ações, e os predicadores verbais, darão a fórmula para a “felicidade” da protagonista/narradora.

O afastamento da pequena Clarice de seu objeto de desejo torna-se impossibilitado por este “porém”, ainda que as características negativas da menina antagonista sejam acentuadas. Quanto ao seu perfil maléfico, ainda no primeiro parágrafo, o predicador verbal da oração “enchia os bolsos por cima do busto com balas” adiciona mais uma ação realizada pela antagonista, mesclando fatos e atributos. A noção de predicação e dos tipos de frase em suas intenções narrativas pode ser importante para mostrar a intersecção dos predicadores verbais que preconizam as ações dos personagens e dos nominais, iniciando a leitura desse conto em uma aula de português, por exemplo. Isso pode ressaltar a importância da estrutura morfossintática das orações e o seu condicionamento à descrição ou a narração, durante a leitura, propostas pelas assertivas. Exemplo disso é a constatação tão fatídica para a narradora, “possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria”, que fecha a articulação do parágrafo inicial, contida na apresentação, que é uma frase declarativa, com predicador nominal, e defendemos tal proposta de cotejo linguístico/interpretativo.

Ainda nessa etapa inicial, os dois parágrafos seguintes contêm predicadores verbais majoritariamente, embora todos eles estejam relacionados ao perfil maléfico da antagonista, primeiro enunciado do texto. A intencionalidade originária do conto está, portanto, respaldada pelas asserções iniciais, que são de caráter descritivo, e ela vai construindo uma antagonista muito perversa, frontalmente contrária ao desejo da menina narradora. Na primeira asserção do segundo parágrafo, que começa com a frase “Mas que talento tinha

para a crueldade”, elenca os fatos que comprovam o “talento para crueldade” da menina que chupava balas e odiava a narradora e suas amigas. Veja que, nesse caso, as asserções são todas construídas para elencar as ações, sendo ações estabelecedoras da dicotomia da menina má e das demais colegas da pequena Clarice. Teremos, até o presente momento:

- Uma colocação inicial descritiva, que reflete o caráter maléfico da narradora, de modo que o predicador nominal é desencadeador da narração;
- Mesclagem de narração de ações, tendo como base predicadores verbais, refletindo o perfil terrível da antagonista, diferente da narradora e suas amigas.

Entretanto, o enredo tem, no início da complicação, um afunilamento intimista/psicológico, de modo que o coletivo, representado por Clarice e suas amigas, fica de lado para dar lugar ao drama pessoal da narradora. Nesse estágio, ocorre uma seleção de predicadores que se propõem a detalhar mais intensamente o nível de perversidade da menina antagonista, por meio de ações ainda mais cruéis. Ao usar o sintagma verbal em “começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa”, o predicador “começar a exercer” seleciona o sintagma “uma tortura chinesa”, que possui caráter metafórico significativo para o tipo de sentimento vivenciado pela protagonista. Quanto à taxionomia, no caso da abordagem de outros elementos morfossintáticos, pode-se destacar, aos estudantes, que o estudo da predicação e da valência da locução verbal “começar a exercer” acarreta um complemento objeto direto, ocupado pelo sintagma nominal “uma tortura chinesa” e pelo sintagma preposicional “sobre mim” em função de adjunto. Esses argumentos verbais podem refletir a guinada no enredo, salientando, nesse caso, que a valência do predicador permite, portanto, ambos os sintagmas que estipulam papéis sintáticos diferentes, culminando nessa oração que conota “tanto” sobre o sofrimento interior da narradora. Essa frase possui importância-chave para a etapa a seguir no enredo, pois os fatos seguintes estão todos relacionados a uma expansão desse complemento verbal, o objeto direto, argumento do

sintagma “começar a exercer”. Tamanha intensidade deve-se ao caráter intimista do texto: característica literária da autora.

Nesse momento da narrativa, as asserções passam a recair sobre o fato de a menina não conseguir o seu objeto de desejo, e isso pode ser percebido pelos argumentos dos verbos “comer” e “dormir”, usados metaforicamente. A assertiva “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” tem como predicadores os verbos “comer” e “dormir” indicadores de seleção semântica que reflete o íntimo do desejo da menina, que precisava conviver com a leitura, integralmente. Vejamos que o “intimismo”, elemento estilístico da autora, pode ser cotejado com essa materialidade gramatical intrínseca a esse contraponto. Esses dois predicadores para o mesmo complemento “livro” pressupõem a ratificação do objeto de um desejo que teria como empecilho a perversidade da menina má, que, por isso, é tão importante de ser destacada. Os predicadores verbais, nessa sequência no início do conto, com o pronome “o” como complemento dos verbos predicadores tornam essas ações fundamentais sobre os desejos da menina e sobre o seu sentimento sobre o ato de ler. Todos esses elementos próprios do estudo da composição oracional podem ser objeto de uma reflexão escrita dos alunos, tornando a tarefa da assimilação gramatical algo mais científico e menos taxionômico.

Quando começa a complicação, a menina, que havia se transformado em “esperança de alegria”, começa a narrar os fatos decorrentes da promessa de ter o livro e, nesse momento, a predicação tem como centralidade não mais a antagonista e sua perversidade, mas as ações efetuadas pela protagonista em seu desejo. Vejamos que nesse momento, a assertiva “No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo” tem como introdutor o sintagma adverbial temporal “no dia seguinte”, que remete ao plano da ação em si, e o predicador verbal “ir” é central para o entendimento dessa frase e da relação com a ação inicial que, por outro lado, está fundamentada com as descrições sobre o desejo e a felicidade

da protagonista e sobre a maldade da antagonista. Defendemos que, nesse caso, dentro do âmbito da narração e do predicador verbal, as sequências descritivas sobre o sobrado e a casa da menina má, por exemplo, estarão equipadas às ações de perversidade da antagonista, amarrando essas ações a uma sequência narrativa inicial. Assim, a narradora e suas ações e necessidades se tornam centrais para o desencadeamento do desdobramento do enredo. Acredito que temos, até então:

- Uma constatação inicial, relacionada à descrição, e variações de uso dos predicadores, tendo como base os fatos perversos realizados pela antagonista;
- Um tipo de “afunilamento narrativo”, que passa a dizer respeito às ações da menina má e, conseqüentemente, de seu desdobramento nas ações da narradora.

A narrativa, então, passa a ser, nesse momento, centrada na narradora e tem como enunciados geradores do seu conflito pessoal as assertivas que se propõem a falar de suas ações e da contrapartida da vilã. A esperança de ter seu objeto de desejo torna-se materializada por frases que têm como predicadores verbais ações cotidianas, desempenhadas pela protagonista/narradora. Observemos: “Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife.” Os sintagmas verbais como “sair” tornam-se, portanto, basilares para esse entendimento do rumo que toma o enredo, baseado nas demais ações da menina Clarice: “andar pulando”, por exemplo, reflete uma rotina que será importante para esse novo rumo do conto, cuja narradora “ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer.”

O começo do clímax, após essas “idas diárias” da narradora, materializa-se pela inserção da personagem da mãe da antagonista, que irá, mais adiante, solucionar o problema da protagonista. Nesse caso, predicadores verbais amarram sintagmas que são encadeados pela sequência “Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e

silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe...”, e isso enquadra essas sequências no que virá a ser a solução do drama pessoal da personagem principal.

Nesse instante, a “maldade” da filha é uma novidade terrível para a mãe, e, nessa etapa do enredo, os predicadores verbais agregam sintagmas adjetivos que tornam o drama da mãe também muito significativo: “E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha.” O que “estava acontecendo” está equiparado ao seu estado “horrorizada” e, nesse caso, as frases declarativas fazem asserções que se propõem à narração e à descrição do interior da mãe. Ao ler e mostrar tais contrapontos, fazemos um *continuum* da mostragem dos estágios da narração e do arquétipo do conto em si, com o elemento material do conteúdo morfossintático, relacionando Língua e Literatura.

Os parágrafos finais do texto voltam a ter como centralidade as reações da pequena Clarice, ao, finalmente, conseguir o seu objeto de desejo: “Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão”. Nesse momento, as sequências narrativas e descritivas têm como centrais os predicadores verbais “seguir-se” ou nominais “estonteada”. A mistura desses predicadores, na leitura do texto, é fundamental para o entendimento das ações finais. Veja que os predicadores “chegar”, “começar a ler”, “fingir” e “ter / assustar-se” são ações primordiais para o desfecho, assim, a sequência de assertivas “Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter.” As ações da narradora estão todas relacionadas ao seu emocional e ele irá desencadear a situação final desse enredo, de modo que a narração está sempre coadunada à descrição. E, tanto narração quanto descrição, por conseguinte, estarão afeitas aos seus predicadores nucleares.

A malignidade inicial da menina má é exposta por meio da descrição, e isso ocorre com predicadores nominais. Também por meio desse predicador o enunciado final do texto

é construído: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”. As duas descrições que são feitas por meio de predicadores nominais estão relacionadas ao intimismo e ao psicológico. Portanto, acreditamos que o uso das assertivas, no texto, estão a serviço dessa perspectiva psicológica/intimista, que é comum às obras dessa autora magnífica. O intencional/pragmático é possível pela articulação de estruturas oracionais que, por conseguinte, irão construindo esse entorno intencional, que não está, em hipótese alguma, dissociado dos recursos morfossintáticos da língua.

Defendemos, por isso, que existe a possibilidade real de uma proposta de metodologia de ensino gramatical/literário com esse e outros textos, conjugando os aspectos centrais da leitura dos autores/autoras com os pressupostos descritivos e linguísticos da morfossintaxe. Certamente, outros aspectos desse texto também podem oferecer caminhos para o desenvolvimento de análises que conjuguem tais fatores, muito minorizados por aulas enfadonhas e que não despertam nos estudantes um aprendizado gramatical calcado na linguagem como ciência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do elemento inicial, a descrição do caráter perverso da antagonista do conto, o predicador nominal torna-se pontapé para construção do enredo desse conto. A perversidade da menina que não aproveitava do que a pequena Clarice entendia como felicidade é o fio condutor para desvendar os fatos que se desenrolam, numa narrativa cheia de dramaticidade. As assertivas se propõem a narrar e a descrever a antagonista, inicialmente, e, ao final do texto, o interior da narradora, em estado de êxtase perante a felicidade.

A ancoragem dos enunciados, numa perspectiva intencional, pode ser face da construção morfossintática das orações, sempre visualizando as possibilidades de leitura da superfície textual com esse entorno pragmático discursivo.

Quanto à predicação, a questão sintática da agregação de sintagmas na criação de paradigmas oracional é, portanto, nuclear para o trabalho com a predicação, e isso irá afetar tanto a composição do período simples como a do período composto, já que as bases morfossintáticas do verbo e do nome são recorrentes na estruturação oracional. Esta postura mediante o tema da predicação pretendeu mostrar caminhos perante a necessidade de ensinar Língua Portuguesa. Existe um manual para análise dos estilos dos diferentes autores nacionais e, por outro lado, uma lacuna na conceituação dos fenômenos que dizem respeito à morfologia, à sintaxe e à semântica do português.

Desmembrar as questões linguísticas/descriptivas do uso da linguagem por um autor, por exemplo, é um erro nas aulas de língua portuguesa, já que a prática docente precisa considerar muitos fatores nas tomadas de decisão para o trabalho com determinado texto. Entretanto, tanto a profundidade de determinada questão levantada, de cunho literário, quanto das questões gramaticais/linguísticas não têm sido motivo para a criação de uma metodologia de ensino da Língua Portuguesa. Há, recorrentemente, um distanciamento dessas esferas, o que tem comprometido a criação de metodologias que deem conta do todo, no que concerne à prática de uma solidificação didática do ensino do português.

Se, por um lado, o ensino da predicação tem sido feito com base na distinção das funções sintáticas restringindo os papéis dos sintagmas à análise oracional e sem considerar a questão basilar da predicação, que consiste na importância do predador para o entendimento das intenções possíveis de uma frase, dentro do texto; por outro lado, as especificidades estilísticas de um dado autor também não destacam as questões linguísticas para sua elaboração. Como a finalidade do presente artigo é a intersecção entre o gramatical

e o intencional, na indicação de caminhos para uma prática de ensino do português, nesse momento não temos a pretensão de abordar as questões envolvidas na produção literária de uma autora como Clarice Lispector. Isso, certamente, é temática difundida e ampliada em trabalhos acadêmicos literários. Entretanto, salta aos olhos a perspectiva intimista e psicológica dessa autora, sobretudo, das construções oracionais por ela utilizadas na elaboração de um conto tão importante como “Felicidade clandestina”.

Sobre essa obra específica, o início de um conto assenta, no imaginário de um leitor, as informações básicas sobre os personagens, o tempo e o espaço em que os fatos irão ser desenvolvidos, traçando o que virá em seguida. Em se tratando de um texto dessa autora que expõe de forma tão intimista sobre os sentimentos que envolvem o interior de um determinado narrador, a inserção do leitor no drama pessoal, nesse caso, da menina narradora, ocorre pela visão maléfica da sua opositora. A intersecção do estudo morfossintático com a interpretação ocorre pela análise da sequência descritiva, efetuada pela declarativa inicial, no plano textual. Já no intencional, ocorre um ato assertivo inicial que está condicionado à verificação do tipo de personagem terrível que será, desde o primeiro momento, algoz da narradora, impedida de atingir a “felicidade”. Por meio desse primeiro ato de fala, defendemos que serão desencadeadas todas as sequências textuais seguintes, sempre dentro de uma perspectiva psicológica, evidenciando as emoções da narradora que tem como fim dramático o encontro final com o livro, objeto de sua realização, temática central, já antecipada, no título do conto e concretizada em seu desfecho.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2010.

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- DASCAL, M.; WEIZMAN, E. Contextual Exploitation of Interpretation Clues in Text Understanding: An Integrated Model. *In*: VERSCHUEREN, J.; BERTUCELLI-PAPI, M. (Ed.). **The pragmatic perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 31-46.
- DUARTE, M. E. L. Termos da Oração. *In*: VIEIRA S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.) **Ensino de Gramática**. Descrição e uso. São Paulo: Editora Contexto, 2002. p. 186-204.
- LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MOURA NEVES, M. H. de. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- PERINI, Mario Alberto. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ed. Ática, 1999.
- ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.
- SEARLE, J. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. New York: Cambridge University Press, 1969.

RECEBIDO EM: 02 maio de 2022
APROVADO EM: 21 julho de 2022
Publicado em setembro de 2022